

GUERRAS DE CARLOS XII DA SUÉCIA

PRINCÍPIOS DE GUERRA

Cadete **JOSÉ GALVÃO DINIZ** (do 3º ano da
Academia Militar das Agulhas Negras)

Nota da Redação — A História Militar na AMAN, tal como as demais matérias dessa Academia, tem a missão precípua de concorrer para a formação técnico-profissional dos cadetes.

A primeira questão, portanto, que se apresentou ao Curso de História Militar da AMAN, ao estabelecer o atual planejamento de ensino, foi:

“O que precisa o oficial subalterno saber de História Militar?”

Da análise do problema, a qual não podia deixar de abranger uma apreciação da marcha do ensino de História Militar entre nós, chegou-se às seguintes conclusões básicas:

1ª — é mais importante, e mesmo urgente, ensinar, aos futuros oficiais, a estudar a História Militar;

2ª — é necessário, simultaneamente, rever e, sobretudo, ampliar os conhecimentos dos cadetes no tocante aos fatos históricos capitais da Humanidade, em particular os militares.

Para atender à primeira conclusão, fêz-se mister pôr em prática métodos didáticos de **análise** e **síntese** que servissem de sólido alicerce aos estudos de História Militar dos futuros oficiais.

Para a resolução dos problemas de vida prática do oficial subalterno no campo da História Militar — elaboração de uma ordem do dia, de um artigo para revista militar, preparação de uma palestra, principalmente — experimenta-se na AMAN o **método clássico: interpretação, pesquisa, discussão e elaboração**

No primeiro semestre deste ano foram apresentados temas através dos quais os cadetes pudessem aprender e praticar notadamente a **interpretação** e a **pesquisa**. Como não podia deixar de ser, tais temas responderam aos assuntos de História Geral que estavam sendo revistos e aos demais assuntos de História Militar que estavam sendo ministrados.

As monografias apresentadas pelas turmas do 3º ano representaram um **apreciável esforço**, tanto mais notável quando se considera que os

cadetes vinham, ao mesmo tempo, realizando outros trabalhos práticos, segundo a diretriz do “aprender, fazendo”.

Uma vez que as condições estabelecidas pelos instrutores para a interpretação do problema era a de que o trabalho elaborado devia destinar-se também à publicação numa revista, como “A Defesa Nacional”, esta abre suas páginas, a partir deste número, para alguns dos trabalhos que melhor corresponderam a essa finalidade.

I — GENERALIDADES — Durante o desenrolar da vida do homem no mundo, há um fato constante através dos séculos: a luta, com os mais diferentes fins.

Primeiro, o homem lutava para sobreviver. Defendendo-se ou atacando, ele se batia pela sua permanência entre os vivos. Depois, uniram-se uns aos outros a fim de combaterem por uma necessidade comum. Formaram-se povos e nações. Guerras sangrentas, houve muitas, como a História Militar dos povos nos mostra. Os métodos de combater e os estudos sobre o combate e a batalha foram cada vez mais aperfeiçoados.

Esta constante da qual falamos no início é o que chamamos de **Fator Militar**. Nosso propósito, neste trabalho, é fazer um estudo sobre uma de suas parcelas, os “Princípios de Guerra”, seu uso ou não e suas conseqüências por parte de Carlos XII, rei da Suécia, em suas campanhas nos fins do século XVII e começo do século XVIII.

II — PRINCÍPIOS DE GUERRA — Se estudarmos as campanhas de todas as guerras e fizermos uma análise das mesmas, encontraremos algumas regras, nem sempre imutáveis, mas que, se bem empregadas, geralmente dão a seus seguidores grandes possibilidades de sucesso. Desde o início da História, os interessados no assunto, isto é, os grandes combatentes e estrategistas, vêm lançando suas normas e regras. Já no século VI AC encontramos Sun Tse com suas Regras da Arte Militar. No entanto, é nas Idades Moderna e Contemporânea, com Jomini e Clausewitz, o primeiro construindo e apoiando sistemas, o segundo criticando-os e os combatendo, bem como com Napoleão, tanto como analista quanto inspirador de novos métodos de aplicar velhas manobras, que a guerra toma feições de arte e ciência. Ciência porque começava a se basear em causas e efeitos, arte porque necessitava, como ainda hoje, do homem, de suas malícias, de sua inteligência, de suas virtudes e defeitos. Nesse tempo foi que Jomini lançou a frase: “Eles querem a guerra demasiado metódica, excessivamente compassada; eu a faria viva, intrépida, impetuosa, talvez mesmo algumas vezes audaciosa”.

Estes dois oráculos da Guerra Moderna, Antoine Henri Jomini e Clausewitz, juntamente com Napoleão, podem ser considerados como os verdadeiros organizadores dos Princípios de Guerra atuais.

Nem todos os países adotam os mesmos nomes para os mesmos princípios. Uns deixam de considerar alguns princípios, porém, em essência,

todos têm suas regras fundamentais, aceitam-nas e as adotam em suas instruções e campanhas. No estudo que fazemos, usaremos as denominações do nosso manual C-100-5. Ei-los:

1. Objetivo — “Tôda operação militar deve ter um objetivo claramente definido, decisivo e praticável”. O objetivo é a própria razão de ser da operação a se empreender, e se refere ao efeito final desejado; logo, êle tem que existir, ser claramente definido e, sua realização, decisiva e praticável, para que haja um verdadeiro sucesso na operação.

Ao lado do conceito de objetivo, temos que juntar a idéia de persistência na conquista do objetivo. Não há dúvida de que, não havendo continuidade na procura e emprêgo de constantes esforços para a concretização do objetivo, a operação será desastrosa. A História está cheia de exemplos de chefes que não conseguiram seu intento por falta de persistência, apesar de definirem, clara e simplesmente, seu objetivo.

Era, na época de Carlos XII, um dos objetivos nacionais da Suécia, a manutenção do “parafeito” meridional do Báltico, faixa costeira entre a Dinamarca e a Rússia; desejava, também, a Suécia o domínio isolado de todo o Mar Báltico.

No campo estratégico, Carlos XII soube muito bem definir seu objetivo, bem como persistiu e lutou pelo mesmo durante todo o seu reinado, pois tôdas as suas campanhas visaram, direta ou indiretamente, à conservação das terras banhadas pelo Báltico, principalmente nas desembocaduras dos grandes rios e nos estreitos que ligam êsse mar interior ao Mar do Norte.

Infelizmente, para os Suecos, no plano tático, Carlos XII, em algumas campanhas, não soube aplicar, tão bem como no estratégico, êste princípio. Senão vejamos suas principais guerras:

1.1 — NARVA — Nesta batalha, em que foi fixado o objetivo de destruir as forças inimigas, Carlos XII não definiu bem ou não soube distinguir quais eram seus principais e mais perigosos adversários. Não teve visão suficiente para sentir que os Russos eram mais importantes que os Poloneses para a preservação de seu objetivo. Apesar de vencer essa batalha, êle não se aproveitou dessa vitória.

1.2 — INVASÃO DA RÚSSIA — Nela Carlos XII falhou quanto à persistência no objetivo fixado, pois, tendo como meta a conquista da Capital Russa e estando a poucos dias de jornada da mesma, expôs tôdas suas rotas de suprimento aos adversários, fazendo uma marcha forçada de mais de 400 léguas, para unir-se a Mazzepa que lhe trouxe 6.000 homens apenas.

1.3 — POLTAVA — Aí, onde foi bem empregado êste princípio, Carlos XII falhou em outros.

2. Ofensiva — É doutrina corrente em tôdas as Forças Armadas dos vários países que “só a ofensiva conduz à vitória”. Não resta dúvida que a defensiva pode ser usada, mas seu uso se restringe em evitar a

derrota ou como preliminar de preparativos para novas campanhas ofensivas, a fim de que se tenha "liberdade de ação" e "iniciativa" que, aplicadas de maneira correta, dão a seus detentores as possibilidades de serem mais fortes no ponto decisivo e, agindo ofensivamente nesse ponto, conseguirem a concretização do objetivo, isto é, a vitória. De tal modo é seguido esse princípio que existem chefes a professar que, mesmo sendo mais fracos, deve-se atuar ofensivamente nos pontos críticos da campanha.

Este princípio foi de muita valia para Carlos XII. Ele soube usá-lo bem e o empregou com bastante freqüência. O principal aproveitamento desse princípio, por parte de Carlos XII, deve-se à rapidez com que deslocava seus exércitos, à perfeição com que executava esses movimentos e à facilidade com que manobrava suas forças. Vejamos, quanto a esses aspectos, uma a uma, suas campanhas:

2.1 — NARVA — Com menos de 9.000 homens, Carlos XII derrotou mais de 40.000 Russos, em menos de meia hora, tudo porque soube agir com rapidez e atuar de modo ofensivo nos pontos críticos. No entanto, ele cometeu o erro, do qual já se falou acima, de não continuar ofensivamente na conquista de seu objetivo.

2.2 — INVASÃO DA RÚSSIA — Ai, nós podemos ver o poder ofensivo de Carlos XII. Nessa campanha, ele se aprofundou no coração da Rússia, abrindo uma brecha de Norte a Sul do País. Chegou bem próximo da consecução de suas metas, não as atingindo por causa da falha já comentada no "princípio do objetivo".

2.3 — POLTAVA — Novamente podemos sentir o grau de dinamismo que se apossava de Carlos XII. Com grande inferioridade numérica, 24.000 combatentes (Suecos, Cossacos e Valáquios) contra 60.000 Russos, atacou-os, tomando a ofensiva e conseguindo transpor algumas linhas inimigas. Pena, para ele, é que não tenha usado, com a mesma sagacidade outros princípios.

2.4 — CAMPANHA DA DINAMARCA — Nesta campanha, também peculiarmente ofensiva, ele foi morto em Friedrikshall, a 11 de dezembro de 1718, encerrando-se aí o período áureo das conquistas suecas.

3. Simplicidade — "A simplicidade deve ser o traço predominante das operações militares". Napoleão dizia: "a arte da guerra é simples e toda de execução". A simplicidade deve atingir a todos os escalões, partes administrativas, organização e tudo o mais referente à campanha. É voz comum que "na guerra só dá resultado o que é simples e fácil".

Não temos dados em número suficiente para fazermos uma análise preciosa das campanhas de Carlos XII, sua organização básica quanto à administração e ao modo de se transmitir as ordens, nem do teor de suas ordens. No entanto, podemos garantir que as manobras idealizadas por ele, para executar durante a batalha de Narva e a invasão da Rússia, foram simples e, nesta última, até o ponto em que ele abandonou a

estrada real, fugindo, assim, do caminho lógico de dirigir-se a Moscou e, seguindo para Ucrânia, a fim de receber um pequeno reforço que não valeu o esforço despendido. Na batalha de Poltava, o seu dispositivo já não apresentava a mesma simplicidade que caracterizou suas campanhas no início de seu governo. Até mesmo as suas ações eram um pouco confusas, como vemos pela maneira como quis travar o combate. Assim, perdendo com a idade a naturalidade e a sutileza, Carlos XII foi se confundindo em meio a suas idéias e atrapalhando-se nas finalidades das guerras que seu país sustentava.

4. Unidade de Comando — “A aplicação decisiva do total da potencialidade combatente exige unidade de comando”. A unidade de comando é ainda mais necessária para se realizar os princípios do objetivo da massa ou concentração e da ofensiva, a fim de que se possa conseguir a “liberdade de ação”, a iniciativa e a ação ofensiva no ponto decisivo. A unidade de comando é conseguida através de uma unidade de esforço, da cooperação entre as forças combatentes e da definição clara e limitação exata do campo de responsabilidade de cada escalão de comando. Todos, nos vários países, confirmam a necessidade da existência e aceitam essa unidade para que haja uma ação organizada, fácil de ser realizada e executada fielmente.

Pelas suas características independentes, pela descendência de reis absolutos, as campanhas de Carlos XII possuem os traços que nos levam a afirmar que, em seus exércitos, era quase que rigidamente seguido o princípio da Unidade de Comando. Ele era o comandante supremo de todas as forças suecas e, onde que estivesse um seu exército travando uma importante batalha, lá estava Carlos XII, com sua figura de guerreiro ímpar, a guiar seus homens para a vitória ou para a derrota, a ele cabendo as conseqüências de seus atos.

Com os dados que possuímos, não podemos definir as responsabilidades de cada escalão de comando, na organização de seus exércitos. No entanto, podemos asseverar que havia um escalonamento preciso para que houvesse tanta perfeição nas manobras; podemos, com certeza, assegurar que havia um campo de ação distinto e limitado para cada chefe, a fim de que os movimentos decorressem de maneira precisa e correta. Em Narya, na Polônia, na invasão da Rússia, em Poltava ou na Dinamarca, era sempre nas mãos de Carlos XII que se enfeixava todo o comando das tropas suecas. Não podemos ter exemplo melhor do princípio da Unidade de Comando que o apresentado pelo rei Carlos XII em suas campanhas, pela defesa de seus objetivos.

5. Manobra — A manobra tem por finalidade modificar o poder relativo das forças combatentes. A finalidade de seu emprêgo é encontrar uma situação vantajosa em relação ao inimigo para vencê-lo ou, pelo menos, não deixá-lo alcançar a vitória. É empregado, tanto na defensiva como na ofensiva e tem uma relação íntima com o princípio da massa e do objetivo. Não poderia ser de outra maneira, para que possamos compreender o significado da “situação vantajosa”. Seu emprêgo

exato depende da capacidade do chefe e de sua facilidade em conceber idéias que retirem vantagens de qualquer situação.

Nas campanhas de Carlos XII, temos dois exemplos flagrantes de como se deve executar uma boa manobra. No desenrolar dos fatos anteriores à batalha de Narva, pelas manobras que Carlos XII concebeu e realizou, pôde estar em Narva para agir de maneira ofensiva no ponto chave da batalha e destroçar o exército adversário num pequeno lapso de tempo. Na invasão da Rússia, manobrando aqui e ali, movimentando-se de uma maneira segura e real, Carlos XII esteve bem próximo da conquista do território russo, não fôra a falha do episódio da Ucrânia. Carlos XII soube muito bem aquilatar o valor das manobras no combate.

6. Massa ou concentração — Aqui usamos o termo concentração porque alguns observadores o adotam, como o Cap Fragata J. H. Uuwin: “No ponto decisivo deve-se empregar um potencial esmagador”. Esta máxima dita por Napoleão e por ele utilizada em quase tôdas as campanhas, tornou-se a mola principal de tôda a arte da guerra. “Rompido o equilíbrio, o resto está perdido”. É a finalidade explícita desse princípio: romper o equilíbrio nos pontos decisivos. Tudo o mais se consegue, conseguido isto.

Esse princípio implica em conseguir todos os meios capazes de contribuir para a consecução do objetivo. Esses meios vão desde a concentração de forças e fogos até à escolha apropriada da tropa a ser empregada em determinada operação.

Pela análise que fizemos acima, nos outros princípios, já podemos dizer, de antemão, que Carlos XII sabia agir ofensivamente, sabia escolher o objetivo tático (não persistia na conquista), porém vemos que ele não era um grande adepto do princípio da massa. Senão vejamos: ao ser vitorioso em Narva, Carlos XII, ao invés de se dirigir à Rússia para destruir e conquistar o mais perigoso inimigo, encaminhou-se para a Polônia, onde se meteu em pequenas lutas intestinas que duraram seis anos e só serviram para desgastar seu exército. Após consolidado o trono de Estanislau na Polônia, ele se dirigiu à Rússia, deixando na Polônia 10.000 de seus melhores homens. Por aí vemos que ele não seguiu o princípio da massa. Quando Carlos XII se dirigiu para a Ucrânia, pode-se imaginar que ele estaria utilizando este princípio, mas isto carece de uma observação. O reforço que ele recebeu não chegou a cobrir o desfalque que sofreu durante o movimento e, principalmente, deixou um flanco de 400 léguas à plena disposição do inimigo. Outra vez ele violou o princípio da massa, pois não utilizou todos os meios para atuar no ponto decisivo, no caso, a capital russa.

7. Economia de Forças — Em qualquer local, a não ser nos pontos chaves e decisivos, só se deve executar ações secundárias com os meios estritamente necessários, a fim de não prejudicar a ação principal e se conseguir o emprêgo de um potencial esmagador nesta ação. Daí podemos concluir que este princípio encerra o emprêgo correto e compreende a distribuição exata de todos os meios disponíveis. É lógico que a concen-

tração num ponto força a economia em outros e que a economia de forças só deve ser levada até um ponto que não prejudique a ação principal. Uma depende da outra.

Do estudo feito no princípio da massa, concluímos que lá, como aqui, Carlos XII não se saiu bem, pois o emprêgo incorreto de um desses princípios acarreta a má orientação no outro.

8. Surpresa — É o princípio mais conhecido e que mais se deseja utilizar. A seu modo de ver, todos sentem que a surpresa é uma força que aumenta a potencialidade e, muitas vezes, determina o destino de uma batalha. Ela modifica o equilíbrio e, quase sempre, consegue aquela situação vantajosa a que nos referimos. Tem por finalidade superar a segurança do inimigo e, com isso, restringir-lhe o livre-arbítrio.

Nas manobras de Carlos XII sentimos claramente que ele usava esse princípio a seu bel-prazer. Devido à rapidez de seus contragolpes, principalmente antes da batalha de Narva e durante a invasão da Rússia, ele usou e abusou desse princípio. Até mesmo na batalha de Poltava, onde suas forças puderam ser destroçadas, Carlos XII agiu com surpresa, atacando, quando seus adversários pensavam que ele ia se instalar defensivamente.

9. Segurança — É essencial na aplicação dos outros princípios. Qualquer operação feita sem segurança está fadada ao insucesso, principalmente se for baseada na surpresa. Visa, primordialmente, a evitar que o inimigo consiga a surpresa e, em segundo plano, esconder ou simular nossas intenções.

Se Carlos XII foi tão feliz no emprêgo do princípio da surpresa, não foi tanto no princípio ora em causa. Em Narva, quando deixou de perseguir os Russos, cometeu uma falha de segurança. Na invasão da Rússia, quando deixou suas vias de suprimento expostas ao inimigo, cometeu outra falha de segurança, fundamental na sua derrota em Poltava.

III — CONCLUSÃO — Eis, o que podemos dizer do último grande conquistador da Suécia, combatente emérito, mas ao qual faltou uma visão integral do problema que debatia.

BIBLIOGRAFIA

1. Santos, Ten-Cel F. Ruas. **Teoria e Pesquisa em História Militar**. Editôra Escolar — AMAN — 1961 — 201 pág.
2. Santos, Ten-Cel F. Ruas. **Guerras da Idade Moderna**. AMAN — 1960 — 206 pág.
3. Jomini, Antoine Henri. **A arte da Guerra**. Trad do Maj Napoleão Nobre. Biblioteca do Exército. 1949. 150 pág.
4. Charques, R. D. **História da Rússia**. Editorial Agora — 1956. 270 pág.

5. Vives, D. Jaime Vicens. **Mil Lecciones de la Historia**. Instituto Gallach de Libreria e Ediciones — 1951 — 301 pág.
6. Foch, Marechal F. **Des principes de la Guerre** — Berger — Levrault — 1931. 341 pág.
7. Cantu, César. **Histoire Universelle** — Tome Seizième-Chez Firmin Didot Frères, Fils & Cie. 1942 — 828 pág.
8. Lathrop, Ten-Cel Art. A. B. — **Military Review** — Junho de 1959 — Princípios de Guerra na Idade Nuclear.
9. Connolly, Maj Com R. D. — **Military Review** — Março de 1957 — Princípios de Guerra e a Psiguerre.
10. Lippman, Major Inf G. J. **Mil Rev** — Fev 1959 — Jomini e os Princípios de Guerra.
11. Canadian Army Journal — Dezembro de 1947. — Os Princípios da Guerra.
12. Unwin, Cap Frag J. H. **Military Review** — Fevereiro de 1948. Princípios da Guerra.

Ag Negras, 26 de junho de 1961.
